



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - PORTUGUÊS**

CONCEIÇÃO MARIA GALVÃO CALAFANGE

**O RACISMO NA OBRA AMANHECER ESMERALDA: ANÁLISE DA
CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM “MANHÃ”**

**CAMPINA GRANDE
2022**

CONCEIÇÃO MARIA GALVÃO CALAFANGE

**O RACISMO NA OBRA AMANHECER ESMERALDA: ANÁLISE DA
CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM “MANHÃ”**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras - Português.

Área de concentração: Literatura.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves.

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C141r Calafange, Conceição Maria Galvão.
O racismo na obra Amanhecer esmeralda [manuscrito] : análise da construção da personagem "manhã" / Conceição Maria Galvão Calafange. - 2022.
21 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.
"Orientação : Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves, Coordenação do Curso de Letras - CEDUC. "
1. Racismo. 2. Literatura infantil. 3. Análise literária. I.
Título

21. ed. CDD 801.95

CONCEIÇÃO MARIA GALVÃO CALAFANGE

O RACISMO NA OBRA AMANHECER ESMERALDA: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO
DA PERSONAGEM “MANHÃ”

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação do Curso
LetrasPortuguês da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de graduada em Letras -Português.

Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 01 / 12 / 2022

BANCA EXAMINADORA

Ana Lúcia Maria de Souza Neves.

Prof.^a. Dr.^a. Ana Lúcia Maria de Souza Neves (UEPB)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Amasile Coelho L. C. Sousa

Prof.^a. Dr.^a. Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa (UEPB)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Silvana Kelly Gomes de Oliveira

Prof.^a. Dr.^a. Silvana Kelly Gomes de Oliveira (UEPB)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho a Deus, por estar comigo em todos os momentos, e a minha família pelo incentivo e apoio durante todo o processo até chegar a essa conquista.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 FERRÉZ: VIDA, OBRA E PROJETO LITERÁRIO	7
3 AS REPRESENTAÇÕES DE PERSONAGENS NEGRAS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA	9
4 ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM MANHÃ NA OBRA AMANHECER ESMERALDA	12
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS	19

O RACISMO NA OBRA AMANHECER ESMERALDA: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM “MANHÃ”

Conceição Maria Galvão Calafange¹

RESUMO

Este estudo tem como objetivo fazer uma análise da construção da personagem negra “Manhã”, da obra Amanhecer Esmeralda (2005). Selecionamos a referida obra, do autor Reginaldo Ferreira da Silva, com o objetivo de discutir acerca da transformação ocorrida na vida da personagem “Manhã” a partir do momento em que ela ouve a história das raízes do povo negro, como também refletir sobre as consequências do racismo na vida da personagem e de seus familiares. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico e qualitativa. Para embasar as discussões partimos das contribuições teóricas de Brait (1985) e Soares (2007) referentes à construção da personagem e aos elementos que compõem a narrativa ficcional; Almeida (2019), Ribeiro (2019) e Cuti (2010) acerca do racismo; Cademartori (2010) e Salem (1970) sobre Literatura infantojuvenil. A partir da análise da personagem “Manhã”, percebemos o quanto o racismo condiciona os sujeitos a uma posição de desprestígio e inferioridade na sociedade. Com os resultados da pesquisa percebe-se a relevância de se trabalhar com o gênero literário em sala de aula, pois ele humaniza o homem, além de contribuir na construção de sentidos dos alunos. A obra Amanhecer Esmeralda vem assim enaltecer a força, a história e a cultura do povo negro, buscando romper com os estereótipos negativos que se perpetuaram em nossa literatura e ficaram no imaginário popular, além de contribuir para a construção da identidade dos alunos, pois, ao se verem representados de forma positiva nas narrativas, cresce o sentimento de empoderamento e não de inferioridade entre as crianças negras.

Palavras-chave: Literatura infantil. Racismo. Personagem negra.

ABSTRACT

This Final Research Paper aims at analyzing the construction of the black character "Manhã", from the book "Amanhecer Esmeralda" (2005). We selected the mentioned book, by author Reginaldo Ferreira da Silva, in order to discuss the process of transformation that takes place in the life of the character "Manhã" from the moment she hears the story of the roots of black people, as well as to reflect on the consequences of racial discrimination in the life of the character and her family members. Taking that into account, this Final Research Paper is classified as a bibliographical and qualitative research. To support theoretically the discussions, we use the contributions of Brait (1985) and Soares (2007) regarding the construction of

¹ Graduação em Letras Português pela Universidade Estadual da Paraíba.

the character and the elements that compose the fictional narrative; Almeida (2019), Ribeiro (2019) and Cuti (2010) who relies on racism; Cademartori (2010) and Salem (1970) who talked about Children's Literature. Through the analysis of the character "Manhã", we realized how racism conditions the subjects to a position of disadvantage and inferiority in society. The results of the investigation revealed the importance of working with the literary genre in the classroom, since it humanizes man, as well as contributes to the construction of meaning by the students. The book *Amanhecer Esmeralda* praises the strength, the history, and the culture of black people, seeking to break the negative stereotypes that have been perpetuated in our literature and remained in the popular imagination, besides contributing to the construction of the identity of the students, because, when they see themselves represented in a positive way in the narratives, the feeling of empowerment and not of inferiority among black children grows.

Keywords: Children's literature. Racism. Black character..

1 INTRODUÇÃO

A Literatura é uma forma de comunicação muito importante entre os homens, pois ela humaniza, tornando o homem mais receptivo e empático aos seus semelhantes. Ao se trabalhar em sala de aula com uma obra que aborda questões sociais, o leitor é levado à reflexão acerca do mundo que o cerca e a olhar para o outro com empatia, além de despertar um olhar mais crítico quanto às desigualdades presentes em nossa sociedade. Sendo assim, o texto literário torna-se ferramenta indispensável nas aulas de Literatura, pois o professor ao suscitar as discussões em torno dos temas propostos, pode vir a contribuir para a formação crítica dos estudantes frente aos vários discursos e questões sociais que permeiam a sociedade.

Ao conhecer a obra *Amanhecer Esmeralda* durante a graduação, na disciplina Infanto-juvenil, a professora nos mostrou o poder humanizador que tem a Literatura e a importância de se trabalhar com o texto literário em sala de aula, pois ele instiga a reflexão crítica dos alunos e as discussões acerca de temas e questões sociais tão pertinentes para o convívio em sociedade.

Diante disso, a escolha da obra *Amanhecer Esmeralda* (2005) foi motivada pelo interesse em divulgar um livro literário infantil que trata de questões da realidade de forma lúdica e crítica, de uma maneira que socializa e humaniza.

Esta pesquisa de cunho bibliográfico tem como objetivo analisar a construção da personagem "Manhã", no livro *Amanhecer Esmeralda* (2005) do escritor brasileiro Reginaldo Ferreira da Silva (Ferréz). A obra analisada aponta para uma condição de desigualdade enfrentada pelo negro, cuja origem está no racismo, que segundo Ribeiro (2019) é um sistema de opressão que nega direitos e não um simples ato da vontade de um indivíduo.

Ferréz apresenta ao leitor uma personagem criança que, embora viva em um ambiente carente, consegue sonhar com um futuro melhor para si. Manhã é uma menina que mora na periferia da cidade em uma casa em que o único cômodo de alvenaria era o banheiro. A família de Manhã é muito pobre, tanto que a menina vai à escola muitas vezes sem se alimentar. O pai é analfabeto e a mãe é empregada

doméstica. Um dia acontece algo que muda a vida de Manhã para sempre: ela ganha um presente de seu professor, faz tranças no cabelo e descobre sua beleza negra, aprendendo a se valorizar. As atitudes da menina frente a essas mudanças acabam por contagiar seu pai, sua mãe, seus vizinhos e toda a comunidade onde Manhã vive.

Nossa pesquisa é relevante porque ao analisar o processo de construção da personagem “Manhã”, estamos revisitando na obra os lugares e estereótipos relegados ao negro em nossa sociedade e refletindo sobre atitudes que podem representar a transformação na vida dos menos privilegiados da sociedade.

Na primeira seção do trabalho, fazemos uma abordagem sobre a vida do autor Reginaldo Ferreira da Silva (Ferréz), suas obras e projetos sociais voltados para os moradores da periferia. Em seguida, situamos a obra de Ferréz no movimento denominado “Literatura Marginal Periférica”. Movimento que surge no Brasil na década de 1990, com a chamada “literatura de favelas”. No início dos anos 2000, o termo ‘marginal’ aparece associado a um perfil sociológico de produção literária: autores que moravam ou já havia morado em comunidades brasileiras.

O segundo momento é voltado para as personagens negras na Literatura Infantil, fazendo um recorte de algumas obras que representam as personagens negras a partir de diferentes perspectivas, ora marcadas por estereótipos racistas, vítimas de injustiças, ora por uma perspectiva antirracista.

Na terceira parte da pesquisa voltamos o olhar para a análise da construção da personagem “Manhã”, uma criança que mesmo sabendo das condições difíceis em que vive com seus pais, sonha com uma vida melhor. No decorrer da história, a menina, que antes tinha vergonha de si e da sua condição social e econômica, ao ouvir a história das raízes africanas dos negros, reconhece seus traços africanos e também se vê pertencente a esse povo, transformando a própria vida e a da sua comunidade.

Por último, apresentamos as Considerações Finais, na seção quatro, sintetizando o percurso de análise e as constatações obtidas com a interpretação da obra *Amanhecer Esmeralda* (2005).

Com este estudo, buscamos suscitar as discussões acerca do racismo, temática imprescindível na literatura infantil, pois o livro literário pode contribuir para que as crianças cresçam conscientes acerca do respeito às diferenças e a diversidade étnica que há em nossa sociedade.

2 FERRÉZ: VIDA, OBRA E PROJETO LITERÁRIO

O escritor Reginaldo Ferreira da Silva (Ferréz) nasceu em São Paulo, no dia 29 de Dezembro de 1975. É romancista, contista e poeta, engajado no seguimento da Literatura Marginal Periférica, ou como denominou Ferréz “Literatura Marginal dos Marginalizados”.

Ferréz cresceu na periferia e por ser conhecedor das dificuldades nas favelas busca em suas narrativas dar voz às comunidades mais pobres e tratar de temas cotidianos enfrentados pelas pessoas que vivem às margens da sociedade. Iniciou sua escrita aos doze anos e viu nos livros uma ferramenta importante de transformação e luta contra as desigualdades sociais em nosso país.

Os projetos sociais de Ferréz são voltados para a divulgação da leitura e cultura em bairros periféricos. Em 1999, fundou o Grupo “1DASUL”, movimento cujo

objetivo é promover eventos, ações culturais e produtos (boné, camisetas...) como uma marca da comunidade. Em seu blog, o escritor Ferréz explica o que é “1 DASUL”:

A 1dasul foi fundada em 1º de Abril de 1999 e tem como idéia central ser uma marca de periferia, que seja feita e usada por pessoas do bairro.

O nome vem da idéia de todos sermos 1, na mesma luta, no mesmo ideal, por isso somos todos 1 pela dignidade da Zona Sul.²

O objetivo do projeto é que a marca se torne uma referência para os moradores da Comunidade e que eles se orgulhem em vesti-la, deixando de lado marcas famosas e valorizando mais o que faz parte e é produzido pela periferia. Quanto ao símbolo da 1DASUL, ele também é uma forma de resistência em prol da união dos moradores da periferia.

Ferréz é também o criador do projeto “Ações Literárias” em Rio Preto, que visa levar o incentivo à leitura às comunidades da periferia. Seu primeiro livro foi lançado em 1997, *Fortaleza da desilusão*. Em 2000, lançou *Capão Pecado*, que o projetou nacionalmente, considerado pela crítica literária contemporânea um marco ao retratar a realidade social das periferias da cidade de São Paulo. Escreveu também os livros *Ninguém é inocente em São Paulo* (2006), *Amanhecer Esmeralda* (2005), entre outros.

Em 1999, escrevendo como cronista na Revista *Caros Amigos*, Ferréz teve a iniciativa de criar dentro da própria revista um projeto com o título “Literatura Marginal”, que reúne autores(as) desconhecidos no campo literário, cujo intuito era visibilizar e dar voz a estes escritores(as) que por estarem à margem dos grandes centros e do mercado editorial, não eram conhecidos no meio da literatura.

Quanto à Literatura Marginal, Ferréz assim descreve: “Literatura Marginal é a voz do oprimido [...] é a literatura que vem da margem, feita pelo povo”. É a literatura feita por aqueles que vivem nas periferias e convivem de perto com as desigualdades existentes em seu entorno. É, portanto, uma Literatura engajada com o social, com projetos literários e de leitura que visam levar a cultura às populações mais pobres e invisibilizadas. Acerca do conceito de periferia, Dalcastagné (2016) cita:

“Periferia” se refere a uma posição geográfica - o cinturão em que vivem os mais pobres, em torno das grandes cidades brasileiras - e, sobretudo, social. A periferia é o espaço dos excluídos, daqueles que dificilmente têm acesso à posições sociais mais privilegiadas, seja no Estado, no mercado, na academia ou na mídia. Mas “periferia” também indica a posição desses escritores e escritoras no campo literário (e aqui poderíamos incluir a situação de autores/as negros/as).

Para a autora, o conceito de periferia além de estar atrelado à posição geográfica e social, ainda coloca em posição de desigualdade escritores/as

² Por Ferréz em junho 04, 2005 In: <http://blog.ferrezescritor.com.br/2005/06/o-que-1dasul.html>

negros/as, o qual os deixa em posição de invisibilidade no mercado editorial e literário.

No entanto, na década de 70, na efervescência do movimento da Literatura Marginal, muitos poetas foram vistos como rebeldes e contrários ao padrão político da época, pois alguns em seus poemas faziam duras críticas contra a censura e o sistema vigente. Dessa forma, a Literatura Marginal foi vista por muitos críticos como um ato contra o sistema vigente da época e não como uma forma de criação poética.

Segundo Mattoso 1981 *apud* Júnior:

[...] os teóricos classificam ou não de marginal em função de fatores diversos: culturais (os autores assumem postura contestatória ou tematizam a contracultura), comerciais (são desconhecidos do grande público, e produzem e vinculam suas obras por conta própria, com recursos ora precários, ora artesanais, ora técnicos, mas sempre fora do mercado editorial), estéticos (praticam estilos de linguagem pouco literários ou dedicam-se ao experimentalismo de vanguarda), ou puramente políticos (abordam temática francamente engajada e adotam linguagem panfletária).

Segundo Ferréz, atualmente, vários livros, artigos e teses têm sido publicados acerca da Literatura Marginal, levando ao leitor, cultura, conhecimento e informação acerca da escrita desses autores, que usam a literatura para dar voz e visibilidade aos que estão à margem da sociedade.

3 AS REPRESENTAÇÕES DE PERSONAGENS NEGRAS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA

Segundo Salém (1970), as narrativas antes mesmo de serem escritas já existiam e eram contadas oralmente pelos mais velhos com o intuito de perpetuarem as tradições e ensinamentos aos mais novos, ou simplesmente pela necessidade de interação entre os homens.

Muitas dessas narrativas como os contos de fada e os contos maravilhosos³, coletados no seio do povo por estudiosos como o francês Charles Perrault no século XVI e os irmãos Grim no século XIX na Alemanha, hoje são consideradas Literatura Infantil. As adaptações, de acordo com Salem (1970), tinha um caráter marcado pelo aspecto didático, com o intuito moral de instruir as crianças. Os contos foram adaptados para o público infantil e o fantástico substituiu o didático, a leitura por prazer e interesse passou a ser o foco para despertar a atenção da criança. Dessa forma, as personagens heróis, fadas, príncipes e princesas se eternizaram nos clássicos de tal forma que até hoje encantam adultos e crianças. Porém, as personagens negras nem sempre foram apresentadas de forma positiva nos livros infantis.

Para Cademartori (2010), a maneira como as narrativas são escritas e apresentadas ao leitor é que caracteriza a Literatura Infantil. São textos que levam em conta a faixa etária dos leitores, seus interesses e sua competência de leitura, além disso, a linguagem verbal e visual também são elementos importantes que

³ A estudiosa Nelly Novaes Coelho faz a diferença entre conto de fadas e conto maravilhoso no livro *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. (2000, p. 172-173).

precisam estar adequados ao nível de experiências das crianças. De acordo com a referida autora, a Literatura infantil compreende obras que estimulam a criança a ler por prazer e a conhecer a linguagem e seus sentidos, não induzindo a criança aos interesses do autor, essa sim é considerada uma literatura apropriada para o público infantil.

Quanto à linguagem visual, Cademartori (2010) ressalta que as crianças se tornam primeiro leitoras de imagens para em seguida tornarem-se leitoras de palavras. Partindo desse pressuposto, entendemos o quanto é importante a representação positiva do negro na Literatura Infantil, para que assim as crianças se tornem leitores cientes da diversidade de etnias presentes na sociedade, e aprendam sobre o respeito e igualdade.

Segundo Gouvêa (2005), nas duas primeiras décadas do século XX havia uma preocupação em nacionalizar a produção literária, porém, sob uma perspectiva ufanista. A partir da década de 20, com a preocupação de levar ao público infantil histórias de seu povo, suas origens e sua cultura, diversos autores também buscaram retratar essas temáticas nas obras voltadas para as crianças. Ainda de acordo com Gouvêa, em estudo comparativo com obras de 1900 e 1920 chama a atenção a presença da imagem do negro nas narrativas, porém, ainda eram personagens sem voz, mais voltadas ao cenário doméstico. Tais personagens são ainda marcados por estereótipos negativos e racistas, que podem ferir a autoestima das crianças negras, e, dessa forma, incutir a sensação de inferioridade nelas.

Neste contexto, o livro *Reinações de Narizinho* do autor Monteiro Lobato, lançado em 1920, traz ao leitor uma representação negativa da mulher negra como um sujeito objetificado. Vejamos a descrição: “Na casa ainda existem duas pessoas – tia Nastácia, negra de estimação que carregou Lúcia em pequena, e Emília, uma boneca de pano bastante desajeitada de corpo”. (LOBATO, 1920, p. 2). A personagem tia Nastácia embora seja apresentada como membro da família é descrita com desprezo, como um simples objeto que pertence a casa e que teve a função de cuidar de Lúcia quando pequena.

Nesse mesmo viés, no livro *Memórias de Emília* também de Monteiro Lobato e ilustrado por Paulo Borges, lançado em 1920 pela Editora Globo, o personagem negro também é apresentado através da Tia Nastácia, cozinheira do sítio e que é descrita como uma mulher ingênua, ignorante e analfabeta que não entende as coisas importantes escritas em livros, uma personagem inserida no ambiente doméstico: “Tia Nastácia, essa é uma ignorância em pessoa. Isto é... ignorante, propriamente, não. Ciência e mais coisas dos livros, isso ela ignora completamente”. (LOBATO, 1920, p. 92).

Podemos perceber também no Conto “Negrinha”, escrito por Monteiro Lobato em 1920, a representação de uma menina negra, que sofria com o desprezo da patroa. Após sua mãe, que também era escrava, morrer, ela passa a ser cuidada pela patroa, a qual rejeita a menina e a trata com inferioridade. No conto, o autor aborda o preconceito e a violência contra os negros que mesmo com o fim da escravidão ainda eram praticados na sociedade da época.

Segundo Dios (2004) a literatura abre espaço para a representação e construção das identidades, seja individual ou coletivo. Para a autora, o texto literário ao representar determinados grupos positivamente dando a eles protagonismo nas histórias, reforça a ideia de igualdade e diversidade de etnias que há na sociedade, abrindo espaço em sala de aula para que alunos e professores dialoguem acerca das questões sociais que permeiam a sociedade, além de reforçar a empatia, a identificação com o outro e a valorização de sua identidade..

Acerca da representação do negro na literatura infanto juvenil, Cuti (2010) pontua que, se torna urgente a reflexão acerca dos estereótipos, pois, o emprego das representações estereotipadas tem gerado historicamente consequências desastrosas para o negro brasileiro. Para Silva (2005, p. 27) “a criança que internaliza essa representação negativa tende a não gostar de si próprio e dos outros que se lhes assemelham”.

No entanto, a partir da década de 1970, considerada o “boom da Literatura Infantil” no Brasil, várias obras vêm enaltecendo o negro, suas raízes e sua história, com o intuito de romper com os estereótipos negativos apresentados durante séculos no país.

Nesse viés, o livro *Menina bonita do laço de fita*, da autora Ana Maria Machado, é um exemplo de representatividade positiva na literatura infantil. Lançado em 1986 pela Editora Ática, aborda a valorização da beleza negra, e a diversidade étnica do nosso povo. O livro contribui para a ruptura dos padrões ideais de beleza em nossa sociedade, como também na construção de uma sociedade que respeita as diferenças.

Nesse contexto, o livro *O Menino Marrom*, do autor Ziraldo, contribui para essa visão antirracista, que busca igualdade e respeito às diferenças. Lançado em 1986, o livro traz a história de uma grande amizade entre um menino negro e um menino branco, cujas diferenças não são obstáculos para se tornarem amigos. O livro trata de questões raciais e das diferenças entre os indivíduos. Reflexões pertinentes que auxiliam na construção do olhar crítico do leitor, como também estimula a empatia entre as crianças:

Quem foi que inventou que o preto é o contrário do branco? Se eu sou marrom e se meu melhor amigo não é exatamente branco, por que é que nos chamam de preto e de branco? Será que é para que fiquemos um contra o outro? (ZIRALDO, 1986, p. 28).

Outro exemplo, mais recente, é o livro *O cabelo de Lelé*, da autora Valéria Belém e ilustrado por Adriana Mendonça que foi lançado em 2007 pela Editora BCP Nacional. O livro traz em seu enredo a questão da aceitação e empoderamento da criança negra. A narrativa é sobre uma menina negra que se indaga acerca de seus cabelos, e ao buscar respostas em um livro descobre a história de suas raízes, passando assim a se aceitar como negra. O livro por trazer uma protagonista negra e por tratar da aceitação do cabelo crespo também contribui para o respeito às diferenças e o empoderamento da criança negra.

Dentre os exemplos de obras que representam positivamente os negros na literatura infantil, podemos ainda citar *Cada um com seu jeito, cada jeito é de um*, da autora Lucimar Rosa Dias e ilustrado por Sandra Beatriz Lavandeira. O livro foi lançado no ano de 2012 e traz ao público a história de uma menina que criada em um ambiente onde todos os membros da família respeitam o jeito de ser de cada um, ela também cresce se autoafirmando e se aceitando como negra. A autora traz a questão da construção da identidade de forma sutil, na medida em que os fatos são narrados e experienciados pela protagonista, dessa forma a criança percebe essa construção e constata que não é diferente das demais crianças, todos somos iguais, temos capacidade e os mesmos direitos, e não importa a etnia, a cor da pele, nem o padrão social, cada um é especial com suas subjetividades. Essas são apenas algumas obras que contribuem para a desconstrução de estereótipos negativos relegados ao negro publicadas no Brasil.

Nesta última década, muitos são os títulos de literatura infantil que além de desconstruir os estereótipos nos seus enredos valoriza a história e as práticas culturais do povo negro brasileiro. Um exemplo é a obra *De passinho em passinho* (2020), de Otávio Júnior. A obra retrata a dança urbana, criada e desenvolvida por jovens das favelas cariocas. A desconstrução de estereótipos e a reflexão crítica acerca do racismo serão abordados de maneira mais detida no próximo tópico a partir da análise da obra *Amanhecer Esmeralda* (2005).

4 ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM MANHÃ NA OBRA AMANHECER ESMERALDA

O livro *Amanhecer Esmeralda*, do autor Reginaldo Ferreira da Silva e ilustrado por Rafael Antón, teve sua primeira edição lançada em 2005, sendo o livro uma homenagem de Ferréz às meninas da periferia. O livro narra a história de “Manhã”, uma menina negra e pobre que mora na periferia e que mesmo tendo nove anos de idade, assume as mesmas responsabilidades de um adulto, consegue manter a fantasia e ingenuidade de uma criança sonhando com um futuro melhor para si.

Percebe-se que os nomes das personagens que aparecem na história são apenas apelidos, o da protagonista, Manhã, o do pai dela (Zé), o da merendeira (Ermelinda), o do professor (Marcão), a vizinha (Tonha), e de Toin, o dono do depósito, são nomes comuns, mas que carregam em si um grande significado dentro da narrativa, pois, são todos personagens que vão contribuir para a mudança que ocorreram na vida de Manhã, de sua família e da comunidade.

O nome de “Manhã” faz uma analogia com o nome do livro *Amanhecer Esmeralda*, apontando assim para um novo amanhecer, um novo dia, uma nova expectativa de vida, a esperança de um futuro melhor com mais dignidade e igualdade.

A narrativa se passa em dois ambientes, o familiar e o escolar. Em sua casa, “Manhã” convive harmoniosamente com sua família, recebe amor, carinho e o auxílio do seu pai que lhe ajuda com as tarefas escolares. No entanto, é notório na narrativa as dificuldades sociais que “Manhã” e sua família enfrentam, dificuldades de correntes do racismo, que, segundo Almeida (2019), são práticas conscientes e inconscientes que podem levar desvantagens ou privilégios a determinados indivíduos. Ainda segundo Almeida (2019), nos tornamos mais responsáveis pela luta contra o racismo quando entendemos que ele é estrutural e não apenas uma manifestação de um indivíduo ou grupo especificamente. Com a mesma opinião, Ribeiro (2019) afirma: “O racismo é, portanto, um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato de vontade de um indivíduo”. (RIBEIRO, 2019, p. 7).

Para a autora, o racismo não está atrelado a um ato isolado praticado por determinado sujeito, mas sim a uma estrutura, um sistema que ao invés de coibir determinadas práticas discriminatórias, muitas vezes corroboram para a perpetuação de ações excludentes praticadas a determinados indivíduos a depender do grupo a qual pertençam.

Na escola, “Manhã” é retraída e tímida, um comportamento que irá mudar a partir do momento em que ela reconhece seus traços africanos. E essa mudança

se concretiza em sua vida através da ajuda da escola, especificamente do professor Marcão e dona Ermelinda.

Nesse viés, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1999, p. 46) reitera que: “A escola, por ser uma instituição social com propósito explicitamente educativo, tem o compromisso de intervir efetivamente para promover o desenvolvimento e a socialização de seus alunos”. A partir do gesto do professor Marcão, Manhã vai poder ter uma nova experiência em sua vida, é uma simbologia do que a educação pode fazer na vida dos sujeitos, e a escola tem a função de auxiliar o aluno na busca pelo conhecimento e leva-los ao entendimento de que eles são capazes de conquistar e alcançar sempre mais.

Ferréz aborda na obra *Amanhecer Esmeralda* (2005) a questão das desigualdades e necessidades pelas quais muitas crianças e famílias vivenciam nas periferias, muitas vezes sem ter acesso aos bens culturais e até mesmo sem ter o que comer. Porém, essas dificuldades podem afetar a todos, mas devido à questão racial elas acabam recaindo sobre determinados grupos em específico. Disparidades que dificultam a ascensão dos menos favorecidos em nossa sociedade:

Manhã acordou cedo mais uma vez, era sexta-feira, dia de alegria para todas as crianças que estudavam. Foi até a pequena mesa, feita artesanalmente por seu pai com tábuas de caixotes, e não viu nenhum embrulho. Era mais um dia sem pão. Pegou a panela onde sua mãe fazia café e olhou dentro. Nada. (FERRÉZ, 2005, p. 7, 8)

A personagem “Manhã” pode ser considerada como redonda, que segundo Brait (1985) é aquela personagem que tem várias qualidades e que surpreende o leitor, convencendo-os com seus atributos. “São dinâmicas, são multifacetadas, constituindo imagens totais e, ao mesmo tempo, muito particulares do ser humano”. (BRAIT, p. 41). “Manhã” apresenta muitas qualidades como responsabilidade, inteligência, obediência, entre outras que poderíamos citar. Podemos perceber a responsabilidade que “Manhã” tem com os estudos, pois apesar de ajudar em casa nos afazeres domésticos, mesmo sendo uma criança, ainda consegue cumprir com seus deveres de estudante:

Chegou à escola no horário certo. A turma estava pegando fogo. Já estava no quarto ano, talvez fosse professora, advogada... Havia aprendido a sonhar, mas também a pensar com os pés no chão, e não gostava disso. (FERRÉZ, 2005, p 13)

Embora a personagem apresente qualidades positivas em seu caráter, a questão de ela ser responsável ao ajudar a sua mãe nos afazeres domésticos implica em trabalho doméstico, pois sabemos que essa atitude pode interferir no seu processo natural de crescimento, bem como interferir na aprendizagem escolar, uma vez que a família é uma das instituições que devem garantir a proteção da criança e do adolescente (BRASIL, 1988). No entanto, assim como a família de “Manhã”, o próprio Estado não garante as condições sociais e econômicas para as famílias menos privilegiadas manterem seus filhos menores de idade afastados do trabalho.

De acordo com Brait (2010), o escritor hábil é capaz de agregar recursos favoráveis à narrativa em terceira pessoa, de forma que o leitor chegue a confundir realidade com ficção. Nesse sentido, Ferréz constrói sua narrativa de tal forma que mesmo os fatos não sendo verdadeiros, se tornam verossímeis pela lógica com que

são narrados. Dessa forma, o leitor muitas vezes não consegue separar o real da ficção, dado a semelhança da vida da personagem com a vida de muitas crianças em nossa sociedade:

Ele pensou que não havia rosas naquele bairro e no que teria gerado aquele nome. Mas preferiu continuar a conversa e perguntou sobre a família de Manhã. Ah! Meu pai bebe um pouco, né, tenho vergonha de falar, mas ele não bate em minha mãe não. Já minha mãe trabalha até de noite na casa da dona Flávia, a patroa dela. (FERRÉZ, 2005, p. 18)

Na obra, o narrador em terceira pessoa consegue detalhar o mundo psicológico e externo de cada personagem, mostrando ao leitor detalhes do caráter, sonhos, desejos e sentimentos, é um observador onisciente, ou seja, sabe tudo sobre as personagens:

A menina olhou no pequeno espelho, viu seus cabelos soltos no ar. Lembrou-se do creme de sua mãe, mas também se lembrou das chineladas que ela dava toda vez que via o creme em menor volume no frasco. (FERRÉZ, 2005, p. 11)

“Manhã” apesar de ser criança e com tantas necessidades em seu lar, ainda consegue sonhar com um futuro diferente para ela, consegue enxergar além dos estereótipos e padrões impostos pela sociedade para aqueles que estão às margens na sociedade, invisibilizados pela maioria. E o sonho é um fator importante na construção do seu caráter, visto que, é o que a move a lutar por seus objetivos:

Havia aprendido a SONHAR, mas também a pensar com os pés no chão, e não gostava disso. Quando se imaginava limpando a casa de alguém por toda sua vida que nem sua mãe, uma tristeza invadia seu corpo. (FERRÉZ, 2005, p. 13)

Segundo Cury (1998, p.17) “Nossa capacidade de amar, tolerar, brincar, criar, intuir, sonhar são algumas das maravilhas que surgem numa esfera que ultrapassa os limites da razão”. E acerca dos sonhos acrescenta: devemos entender que sonhos não são apenas caprichos sem importância, mas sim metas, um objetivo de vida. (CURY, p. 153)

Percebe-se que “Manhã” tinha uma tristeza interior que era perceptível a quem olhasse para ela, o próprio professor Marcão percebe seu comportamento em sala de aula, pois ela sempre estava mal arrumada e acuada no canto da sala, porém, a menina surpreende o leitor com sua capacidade de sonhar, apesar de todo o cenário de desigualdade social que ela vivencia no ambiente familiar e escolar, e com uma realidade tão adversa, ela não perde a capacidade de sonhar, de se ver como uma futura professora ou advogada, sonhos puros de uma criança que com determinação e esforço podem ser alcançados. A educação tem um papel fundamental na vida da protagonista, embora o seu pai não tenha tido o mesmo privilégio de estudar, realidade vivenciada por muitos pais em gerações passadas, ele é um incentivador para que sua filha continue estudando e lute por seus sonhos; É o que o leitor pode observar pela linguagem empregada pelo pai ao falar com sua filha:

Istude, mia fia, istude pra num ficá que nem seu pai. Ouvia isso todo sábado, dia em que seu pai via os cadernos. Ele passava os olhos rapidamente pelas matérias e dizia a mesma frase. (Ferréz, 2005, p. 14)

De acordo com Gonçalves (2019), é através da educação que as próximas gerações aprendem acerca da cultura do seu povo, adquirem conhecimento através do sistema educacional e, assim, se apossam da história e assumem no lugar dos adultos a Construção da sociedade. O pai da protagonista sabe o valor que tem a educação, como também as consequências de não ter tido a oportunidade de estudar no tempo devido, oportunidade que priva o indivíduo muitas vezes de uma oportunidade de emprego e assim ascender na sociedade.

Ribeiro (2019) pontua que a questão não é sobre o potencial dos indivíduos, mas sim sobre ter as mesmas oportunidades de acesso à educação, uma vez que, um indivíduo que precisa trabalhar para custear seus estudos e um indivíduo que tem condições financeiras favoráveis certamente não terão as mesmas oportunidades de crescer profissionalmente, uma vez que o problema está no Racismo Estrutural ainda enraizado em nossa sociedade.

Segundo Gonçalves (2019), os estudantes mais carentes precisam se inserir no mercado de trabalho para ajudar nas despesas com a família. E isso muitas vezes leva o estudante a abandonar os estudos e se evadir da escola. Assim, o pai de “Manhã”, inserido neste quadro de alguém que não teve garantido o direito à educação, também se arrepende de não ter estudado, por isso ajuda a filha nas atividades e incentiva para que ela continue estudando e assim não ter um futuro semelhante ao dele.

No espaço escolar é onde “Manhã” vai experienciar algo novo, uma atitude de carinho do professor Marcão e Dona Ermelinda que vai mudar a vida de Manhã, se estendendo a toda sua família. Ao conversar com “Manhã” e ouvi-la falar dos seus pais e de sua responsabilidade com os afazeres domésticos em sua casa, entendeu o motivo pelo qual ela sempre estava mal arrumada e acuada em sala de aula. Marcão, após comprar o vestido para “Manhã”, resolve leva-la até Dona Ermelinda que também a ajudará a se arrumar e contribui no processo de construção da história de “Manhã”:

Dona Ermelinda disse:

- Então, toda menina afro-descendente devia fazer isso, usar mais os cortes que tem a ver com o nosso povo, com a nossa história. Vou te pedir uma coisa: ali do lado tem um chuveiro, você vai lá, toma um banho gostoso, que vou pôr o vestidinho em você e fazer as tranças. Manhã pensou em retrucar, afinal estava com vergonha de toda aquela situação, mas pensou que ficaria linda e resolveu ir.

Enquanto fazia as tranças, Dona Ermelinda falava sobre as raízes africanas dos negros. Disse que Manhã devia ser descendente de uma linda rainha, de algum dos reinos a que pertenciam os negros escravizados trazidos para cá. (FERRÉZ, 2005, p. 31,32).

A trança é um penteado bastante antigo na África e servia para indicar acerca da religião, família, idade, estado civil, mostrar consternação, entre outros

significados. O desenho das tranças também tem um sentido importante, alguns são usados apenas em cerimônias de casamento e cerimônias fúnebres.⁴

O ato de trançar o cabelo é um momento muito importante para os negros. Ato que simboliza o cuidado com a pessoa em que está sendo feita a trança e em que se vivenciam as histórias de cada indivíduo, como também a do grupo a qual pertencam, perpetuando assim, as tradições e criando o sentimento de pertencimento dos negros ao grupo. (LODY, 2004, p.100 *apud* CLEMENTE, 2010, p. 12)

Dona Ermelinda também representa o papel da mulher mais velha da família, que tem a função de no ato de trançar o cabelo das meninas mais jovens contar e assim perpetuar as histórias do seu povo. Ao trançar o cabelo de “Manhã” ela conta a história das origens do povo negro, o que vai despertar em “Manhã” um sentimento de empoderamento e pertencimento a esse povo.

Com toda a transformação que ocorreu no exterior e interior de “Manhã”, ao chegar em casa, o seu pai vendo toda aquela mudança ele percebeu que “Manhã” estava irradiante e sua beleza não era compatível com a bagunça que estava em seu barraco, decidiu então mudar, pintou toda a casa, mudou os móveis, enfim, deixou tudo arrumado para acomodar sua família, conseqüentemente, os vizinhos vendo a sua atitude, também se juntaram e fizeram uma grande mudança em suas casas e em toda a rua:

Um se lembrou de fazer uma cerca na frente, o outro de pôr uma caixa-d'água na laje. O sô Toín, dono do depósito, ficou tão contente com as vendas que propôs aos moradores fazerem um mutirão e calçarem a rua. Em poucos dias, todos se reuniram e trabalharam muito espalhando concreto, afinal as casas estavam pintadas e não podiam ficar numa rua toda de barro. (FERRÉZ, 2005, p. 43).

No início da narrativa, o autor utiliza algumas expressões e palavras para mostrar as dificuldades que a personagem “Manhã” enfrenta na vida. Na página 8 o autor utiliza a expressão “Era mais um dia sem pão”, expressão que deixa subentendido que aquela situação de falta de alimentos era algo costumeiro na rotina de “Manhã”. Situação também vivenciada por muitas crianças de classes não privilegiadas em nosso país, que, muitas vezes, vão para a escola sem ter o que comer.

Outro recurso importante que o autor apresenta na narrativa são os adjetivos “pequeno” e “pouco”, usados para dar ênfase e retratar o estado de desigualdade e de opressão que a personagem enfrenta, uma vez que alguns utensílios são usados com a preocupação de economizar, pois as condições econômicas da personagem e de sua família, não permitem extravagâncias e gastos:

Saiu do pequeno cômodo feito de madeira e entrou no banheiro, única parte da casa que era de alvenaria. A menina olhou no espelho, viu seus cabelos soltos no ar. Lembrou-se do creme de sua mãe, mas também se lembrou das chineladas que ela lhe dava toda vez que via o creme em menor volume no frasco. [...] Pegou um pouco de água em suas pequenas mãos e passou na cabeça, os fios fixaram um pouco. (FERRÉZ, 2005, p. 11).

⁴ Informações sobre a origem e história das tranças africanas. Disponível em: <https://primeirosnegros.com/trancas-ancestralidade-e-resistencia/>

Situação vivenciada por muitas famílias em nossa sociedade. E essas dificuldades vivenciadas no interior dos lares podem, muitas vezes, interferir na concentração e no processo de aprendizagem das crianças na escola.

A história começa a mudar a partir da página 23, em que o professor Marcão presenteia “Manhã” com o vestido esmeralda. Na sequência, a partir da página 28, o professor Marcão leva “Manhã” até a casa de Dona Ermelinda e a partir deste momento a menina vai experienciar algo novo em sua vida, uma mudança que começa pelo seu exterior e logo se estende ao seu interior. Dona Ermelinda, ao trançar o cabelo da menina, conta para ela sobre as origens do povo negro e sobre a importância de se valorizar os penteados que tem a ver com o povo negro. Nesse momento, ao ouvir as histórias contadas pela merendeira, a menina fica encantada e ao mesmo tempo surpresa ao se olhar no espelho e ver como as tranças a tinham deixado mais bonita. A partir desse momento os adjetivos também mudam, a partir da página 35, o autor usa as palavras “linda”, “bonita”, “lindo”, “grande”, para mostrar ao leitor o que a personagem estava vivenciando em sua vida, no início, acuada, inferiorizada por não conhecer a história do povo negro, e por não se reconhecer como negra, porém, a partir do momento em que ela se reconhece pertencente a esse povo o discurso começa a mudar, são falas de empoderamento, não apenas de uma menina, mas de toda a sua família que através de um simples gesto de carinho do professor, fez a vida daquela pequena menina e de sua família mudar:

Manhã chegou em casa com mais de uma hora de atraso. Quando entrou, seu pai estava sentado no sofá. Ele quase perguntou quem era aquela linda menina. Apesar de toda bebida que consumia, ainda conseguia enxergar sua própria filha, mesmo estando linda como nunca. (FERRÉZ, 2005, p. 35).

A linguagem não verbal também é um fator muito importante na construção da narrativa, ela complementa e afirma o que é dito ao leitor pelo narrador. As imagens do colchão rasgado, da panela com aspecto envelhecido, as paredes do banheiro sem massa, e a cozinha com aspecto de desorganização, constroem imagens que retratam a desigualdade socioeconômica e as dificuldades que “Manhã” enfrentava com sua família. A partir da página 23 percebe-se então, uma mudança nas imagens, à medida que os fatos são narrados as imagens vão se alternando, revelando ao leitor as mudanças que estavam ocorrendo na vida de “Manhã” e de sua família. As cores aparecem mais brilhantes nas cenas, e o aspecto de tristeza dá lugar à esperança.

Depois da mudança que ocorreu na vida de “Manhã” e de sua família, percebe-se também que toda a vizinhança reproduz a atitude do pai de ‘Manhã’, todos pintam suas casas, e as cores ficam mais vibrantes, todas coloridas, simbolizando a alegria e mudança interior que eles estavam sentindo. Por fim, a partir da página 43, nota-se que a cor que prevalece é a cor esmeralda, apontando para um novo amanhecer, uma nova expectativa de vida, um outro olhar para a realidade, porém, agora, com esperança, alegria e empoderamento.

Pode-se perceber que o racismo além de trazer consequências na vida social e econômica de determinados grupos em nossa sociedade, traz sequelas que ferem a dignidade humana, uma vez que as histórias de escravidão contadas sobre os negros e os estereótipos negativos relegados a eles em algumas obras da literatura infantil, pode causar sensação de inferioridade nas crianças negras.

No final da história, “Manhã” se olha no espelho e não tem mais vergonha de si, ela se reconhece como negra e percebe que seus traços fazem parte de sua identidade, consegue se ver com empoderamento e, enfim, reconhece o seu valor

Olhou bem para o rosto no espelho e reconheceu os traços daquela rainha africana de que Dona Ermelinda havia falado. Não tinha mais vergonha de seu nariz, não tinha mais vergonha de sua boca. Era assim que a rainha devia ser. (FERRÉZ, 2005, p. 44)

O símbolo do espelho é recorrente nas narrativas clássicas, desde o conto da branca de neve, até na literatura brasileira como “O espelho” de Machado de Assis e “O espelho” de Guimarães Rosa.

Segundo Chevalier e Chebrant (1906) o espelho revela o que é puro e verdadeiro e não tem como objetivo único mostrar o reflexo da imagem, mas sim refletir a beleza interior, aquilo que vem da alma. A personagem “Manhã” ao se ver no espelho consegue enxergar não apenas o seu exterior, mas a sua beleza interior e a transformação pela qual ela passou, uma menina sonhadora que se empodera e apenas reforça a beleza interior que já tinha, porém, agora com um novo olhar para si mesma.

Existe, portanto, uma configuração entre o sujeito contemplado e o espelho que o contempla. A alma termina por participar da própria beleza a qual ela se abre. (CHEVALIER e CHEBRANT, 1906).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como propósito discutir e refletir sobre a construção da personagem “Manhã”, uma criança negra que mora na periferia e que vivencia junto com sua família as desigualdades impostas pelo racismo, um sistema de opressão que traz desvantagens para determinados grupos e privilégios para outros, além de ferir a dignidade do indivíduo. O racismo, embora se apresente muitas vezes de forma sutil através de atitudes e comportamentos individuais nos diversos ambientes da sociedade, é preciso entender que ele é estrutural, e para que haja a ruptura dessa prática é necessário que toda a sociedade se mobilize e adote práticas antirracistas, cobrando a criação e efetivação de políticas públicas que garantam a igualdade social e questionando os privilégios relegados a determinados grupos na sociedade, enquanto outros grupos ainda lutam por igualdade e o mesmo direito de vivenciar tais privilégios.

Para refletirmos acerca da construção da personagem “Manhã”, partimos de um breve recorte de algumas obras que mostram o negro de forma estereotipada e inferiorizada, e outras que mostram o negro como protagonista da história, enaltecendo suas origens, suas qualidades e sua cultura. Com as análises realizadas frente a tais obras, é importante ressaltar as contribuições que cada uma teve e tem para sua época, engrandecendo assim seus autores e a literatura nacional, porém, é importante revisitar o tema para que os estereótipos negativos sejam questionados em nossa literatura e a cultura do racismo seja desconstruída em nossa sociedade.

Em seguida, passamos para a análise detida da personagem “Manhã”, focalizando nos aspectos físicos e psicológicos que compõem a protagonista.

Refletirmos sobre a mudança que ocorreu na vida da personagem “Manhã” devido ao ato do professor Marcão em presenteá-la com o vestido esmeralda e a atitude de Dona Ermelinda ao narrar para a menina sobre as origens africanas do povo negro. Percebemos o quanto é importante a representatividade positiva do negro na Literatura Infantil, uma vez que a obra destaca a visibilidade da história, da cultura, das origens e contribuições do povo negro para a construção da sociedade brasileira. Dessa forma, além de quebrar paradigmas e romper com a cultura dos estereótipos, a história analisada desperta o sentimento de respeito e igualdade entre as crianças.

O livro *Amanhecer Esmeralda* corresponde assim a uma obra antirracista, no qual o autor, ao retratar a vida da menina negra “Manhã”, instiga o debate acerca das consequências do racismo vivenciadas por determinados grupos em nossa sociedade. Dessa forma, Ribeiro (2019) reforça a ideia de sermos todos antirracistas, de não acharmos comum as desigualdades sociais, e de questionarmos as práticas excludentes nos diversos setores da sociedade, para que assim, o racismo, como uma prática de opressão não se perpetue no seio da sociedade. Afinal, o antirracismo é uma luta de todas e todos, e o texto literário como ferramenta de ensino em sala de aula têm contribuído de forma satisfatória nesse processo, levando conhecimento e despertando a criticidade dos educandos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BELÉM, Valéria. **O cabelo de Lelê**. São Paulo: IBEP. 2012.

BETH, Brait. **A personagem**- São Paulo. Ática, 1985.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais/ Secretaria de Educação Fundamental- Brasília: MEC/ SEF, 1997.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é Literatura Infantil**. Editora Brasiliense. Coleção Primeiros Passos. 2ª ed. 2010.

CHEVALIER, Jean; Alain Gheerbrant. **Dicionário de Símbolos**. 12 ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

CLEMENTE, Aline Ferraz. **Trança Afro: A cultura do cabelo subalterno**. Escola de Comunicação e Artes - ECA. Centro de Estudos Latino Americano sobre Cultura e Comunicação - CELACC. **Curso de Especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos**. São Paulo. Nov. 2010.

Disponível em: <https://celacc.eca.usp.br>. Acesso em: 03 de outubro de 2022

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise e didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br> Acesso em: 03 de agosto de 2022

CURY, Augusto. **Nunca desista dos seus sonhos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro - brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010. (Coleção consciência em debate/ coordenada por Vera Lúcia Benedito)

DIAS, Lucimar Rosa. **Cada um com seu jeito cada jeito é de um**. Campo Grande, MS. Editora Alvorada. 1 ed. 2012. Disponível Em: <http://atempa.org.br> Acesso em: 04 de jul. 2022.

DIOS, Cyana Leahy. **Educação Literária Como Metáfora Social**. 2° ed. Martina Fontes. 2004.

FERRÉZ. **Amanhecer Esmeralda**. 2ª ed. São Paulo: DSOP, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Danyelle Nilin. Elizabeth Furtado. Epitácio Macário Moura. **Pedagogia. Sociologia da Educação**. Fortaleza-Ceará. 3ª ed. 2019. EDUECE. Disponível em: <https://educapes.gov.br>. Acesso em: 28 de agosto de 2022

GOUVÊA, M.C.S. de. **Imagens do negro na literatura infantil. Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 1, p. 79-91, jan/abr. 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br> Acesso em: 03 de julho de 2022

JÚNIOR, Luiz Guilherme dos Santos. Uma Revisão Crítica da Poesia Marginal Brasileira. **Revista Estação Literária**. Londrina, volume, 12, p.2017-128, jan. 2014. Disponível em: <https://www.uel.br> Acesso em: 22 de agosto de 2022

LOBATO, Monteiro. **Memórias de Emília**. 2ª ed.- São Paulo; Globo, 2009.

LOBATO, Monteiro. **A menina do narizinho arrebitado**. Edição da Revista do Brasil. São Paulo. 1920

JUNIOR, Otavio. **De passinho em passinho**. 1ª Edição. 2021. Companhia das Letrinhas

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. 9° ed. Rio de Janeiro. Ática.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na escola**. 2ª ed. MEC, 2005.

PAIVA, Aparecida; Magda Soares. **Literatura Infantil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PINTO, Ziraldo Alves. **O Menino marrom**. 1° ed. São Paulo. Melhoramentos. 1986.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. Companhia das letras. São Paulo. 2019. Disponível em: <https://www.stiueg.org.br> Acesso em: 23 de agosto de 2022

SALEM, Nazira. **História da Literatura Infantil**. Editora Mestre Joe. São Paulo. 2ª ed. 1970.

SILVA, Pedro Paula Paiva; Silva, Anamaria Sousa. **Uma análise do trabalho infantil no Brasil: Inferências a partir das categorias de raça e gênero**. X Jornada Internacional Políticas Públicas. Santa Maria, RS. 2021. Disponível em: <https://www.joinpp.ufma.br> Acesso em: 05 de agosto de 2022

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 7ª ed. São Paulo. Princípios.

TENINA, Lúcia. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. 2016.